



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais indianos The Times of India, The Hindu e Hindustan Times

Londres - Inglaterra, 02 de junho de 2007

Jornalista: Presidente Lula, o senhor poderia nos falar sobre os seus objetivos, bem ambiciosos, de quadruplicar o comércio bilateral com a Índia e aumentar ainda mais as relações do Brasil com a Índia?

Presidente: Desde 2003, quando tomei posse, nós decidimos que iríamos propor uma parceria estratégica com a Índia, com a China, com a África do Sul. E nós estamos trabalhando para essa parceria se transformar não apenas nas boas relações políticas entre Índia e Brasil, mas transformar essa boa relação política em incremento da nossa balança comercial. Obviamente que já cresceu muito. De 2000 a 2005 as exportações brasileiras para a Índia aumentaram 422%, as importações do Brasil aumentaram 343%, e a corrente de comércio chegou a 2 bilhões e 300 milhões de dólares.

Qual é o nosso compromisso? Esse é um desejo da Índia, é um desejo do Brasil, que até 2010 a balança comercial entre Índia e Brasil chegue a 10 bilhões de dólares. Nessa minha viagem agora à Índia, nós estamos levando, aproximadamente, 100 empresários. O que nós queremos é que esses empresários brasileiros estabeleçam parcerias com os empresários indianos e que a gente possa, conjuntamente, fazer investimentos na Índia e que a Índia faça investimentos no Brasil. Esse é um desejo meu, é um desejo do primeiro-ministro Singh, e eu penso que é um desejo de todos os países.

Jornalista: Mas quando o senhor diz que quer aumentar o comércio, a balança comercial, para 10 bilhões de dólares, o seu ministro das Relações Exteriores



disse, no ano de 2004, que o comércio entre o Brasil, a África do Sul e Índia seria em torno de 10 bilhões de dólares até o ano 2007, e isso não aconteceu.

Presidente: Veja, quando se trata de comércio, nem sempre nós temos certeza de acertar as nossas previsões. O importante é que eu tomei posse em 2003, o primeiro-ministro Singh tomou posse não faz muito tempo, e eu penso que a balança comercial vai crescendo na medida em que os dois países vão se conhecendo, os empresários vão mantendo relações, e nós vamos estabelecendo o conhecimento de nichos de oportunidades para os dois países. Não é pouco significativo as importações e as exportações brasileiras terem crescido acima de 400%. Ou seja, é um passo extremamente importante. E nós vamos continuar trabalhando para que isso aconteça.

Jornalista: Politicamente, quais são as áreas que o senhor está considerando? Na área política, Presidente, quais são as áreas que está focando mais?

Presidente: Na questão política com a Índia, nós temos uma parceria para a reformulação das Nações Unidas. Índia, Brasil, Alemanha e Japão fazem parte do G-4, que estão dispostos a mudar. Quando o Conselho de Segurança foi criado, nós tínhamos 45 membros e 5 membros permanentes, hoje nós temos 192 membros e os mesmos 5 membros permanentes. Então, é de se perguntar: como é que um país de quase 1 bilhão de habitantes, como a Índia, não está no Conselho de Segurança da ONU? Então, eles se perguntaram: “como um país de quase 1 bilhão de habitantes, como a Índia, não está no Conselho? Como um país de 200 milhões de habitantes, como o Brasil, não está? Como o continente africano, que é onde existe a maioria dos conflitos hoje, não tem um representante? Economias como a japonesa e a Alemã, não estão.” É um contra-senso, então nós queremos democratizar. Essa é uma ação importante, em que Índia e Brasil estão juntos.



Jornalista: Quão longe nós já fomos nesse projeto do G-4?

Presidente: Quando nós falamos de política internacional, é importante que a gente tenha clareza de que estamos lidando com interesses políticos, interesses econômicos, e é sempre muito difícil, não é uma coisa fácil. Mas hoje já há o reconhecimento de que o Conselho da ONU precisa ser reformulado. Essa é a primeira decisão. Depois, vamos discutir os países que vão entrar. Temos uma outra parceria importante com a Índia, que é o G-20, na Organização Mundial do Comércio. Quando criamos o G-20, em Cancun, muita gente escreveu que o G-20 era um fracasso. Entretanto, hoje, países como Índia, China, Brasil, África do Sul, Argentina, México, muitos países importantes fazem parte do G-20. Então, não pode haver negociação comercial no âmbito da OMC que não leve em conta metade da humanidade, países importantes como Índia, China, Brasil e muitos do continente africano. Eu estou convencido de que este mês nós temos todas as chances de fazer um acordo.

Jornalista: Este mês, Presidente?

Presidente: Porque nós estamos chegando no limite. A minha tese é de que os nossos técnicos já fizeram o que tinham que fazer. Agora, o que nós precisamos é que os líderes assumam a decisão política. O problema não é mais econômico, o problema é político.

Jornalista: O senhor está querendo dizer que vai ser um acordo triangular, como o senhor disse, “uma decisão política”? Como o senhor acha que a França e a América vão reconciliar o que o G-20 quer? Qual seria o arcabouço mais amplo a que o acordo pode chegar?



Presidente: Não é o que o G-20 quer, é o que o mundo precisa. Se nós quisermos continuar falando em paz, se nós quisermos diminuir o índice terrorista no mundo, nós temos que fazer um acordo comercial. Todo mundo sabe o que fazer. A União Européia sabe que precisa flexibilizar o comércio agrícola para os países em desenvolvimento. Os Estados Unidos sabem que têm que reduzir os subsídios, e o G-20 sabe que precisa flexibilizar o setor industrial na questão de serviços. Bem, todo mundo já tem um número que pode decidir. Está chegando a hora de colocá-lo na mesa. Isso é como um jogo de pôquer, ou seja, cada um está escondendo as suas cartas mas, em algum momento, nós vamos ter que colocar as cartas na mesa.

Jornalista: Qual é a base do seu otimismo, Presidente, para esse acordo chegar no fim deste mês?

Presidente: Pode não chegar no fim deste mês, pode demorar um dia a mais, mas tem que chegar, por uma razão muito simples. Eu tenho telefonado desde dezembro aos principais líderes do mundo, dizendo para eles como é que nós iremos passar para a história. Eu tive a oportunidade de dizer ao presidente Bush, em Camp David: quando terminar o seu mandato, qual é a imagem que vai ficar de oito anos de Bush? É só a Guerra do Iraque? Ou ele quer passar para a história como o Presidente que fez o acordo na OMC? Isso vale para todos nós.

Jornalista: O que o presidente Bush respondeu ao senhor, quando o senhor falou isso?

Presidente: Eu não vou dizer o que ele respondeu, mas vou dizer para você que eu estou confiante de que os Estados Unidos darão a sua contribuição para que haja o acordo.



Jornalista: Então, não há uma base sólida para que se chegue a um acordo? O senhor tem apenas uma esperança que se chegue?

Presidente: Não, há uma vontade política de se chegar a um acordo. Desde que eu estou na Presidência da República, há quatro anos e meio, nunca tivemos um momento oportuno como este para fazer um acordo.

Jornalista: Ontem, o presidente Bush fez uma declaração de que ele gostaria de convocar 15 países para discutir mudanças climáticas. Qual é a reação do Presidente (inaudível), porque a chanceler Merkel está tentando realizar alguma coisa agora no G-8?

Presidente: Primeiro, eu participarei de qualquer reunião para discutir a questão climática. Mas o presidente Bush precisa compreender que não será uma reunião de 15 países que vai resolver a questão climática. O que vai resolver o problema da questão climática é a gente cumprir os compromissos multilaterais assumidos pelos países.

Jornalista: Na Alemanha, a chanceler Merkel quer que o Protocolo de Quioto seja absolutamente cumprido até 2009. O Presidente vai apoiar a chanceler Merkel com essa idéia que ela vai apresentar, de que ela gostaria que tudo fosse resolvido até o ano de 2009?

Presidente: Eu acho que o Planeta não pode esperar. Se não for em 2009, que seja em 2010, mas que comecemos agora. Qual é o problema que estamos vivendo hoje? É que os países ricos precisam assumir mais responsabilidades. Eles são responsáveis por 65% da emissão de gases, portanto, eles precisam diminuir a emissão de gases. E, ao mesmo tempo, o



Brasil está propondo a criação de um fundo de compensação para os países que reduzirem o desmatamento. Ou seja, é uma forma de você ajudar os países pobres e os países em desenvolvimento que, ao não desmatarem, tenham uma compensação financeira para adotarem um modelo de desenvolvimento limpo. Por isso é que o Brasil está propondo ao mundo uma mudança na matriz energética, sobretudo na questão de combustíveis.

Jornalista: Mas uma mudança na matriz da energia, isso não significa que nós vamos ter mais desmatamentos, se tiver biocombustível? Aliás, esse é o problema do Brasil, agora, pelo menos foi do que fui informada. Como é que se faz a equação, como é que se resolve isso?

Presidente: Veja, quando você planta uma árvore, você está contribuindo para que essa árvore, no processo de crescimento, seqüestre os gases que já foram emitidos. Depois você vai produzir, com essa árvore, um combustível que não emite gases, totalmente limpo. E vai plantar outra árvore, que vai seqüestrar mais gases, que vai produzir mais combustível limpo. Ou seja, vai chegar um tempo em que nós poderemos ter recuperado o estrago que fizemos ao Planeta.

Jornalista: Tem uma agenda específica, uma pauta que o senhor quer discutir com o primeiro-ministro Singh?

Presidente: Tem. Agora, essa pauta não pode ser anunciada pela imprensa.

Jornalista: Mas que questões específicas vai discutir?

Presidente: Por exemplo, nós temos alguns acordos importantes para firmar com a Índia, no campo jurídico. Nós temos que assinar acordos de extradição.



Jornalista: Esse acordo de extradição vai ser assinado ou já foi assinado?

Presidente: Estamos negociando, talvez esteja pronto lá.

Jornalista: Essa vai ser, então, uma das questões a serem discutidas?

Presidente: Os nossos negociadores estão lá, e eu espero que quando eu chegar lá, já esteja firmado.

Jornalista: O senhor acha que vai assinar esse acordo lá, então?

Presidente: Eu acho. Nós temos acordos na questão da agricultura, na questão da segurança alimentar e nutricional, nós temos acordos na área de saúde animal, na produção cinematográfica, nós temos acordos comerciais entre a Petrobras e a empresa de petróleo indiana.

Jornalista: Tudo isso, então, seria assinado lá?

Presidente: Eu espero que esteja tudo pronto para assinar. Mas tem mais coisas que eu quero discutir com o primeiro-ministro Singh.

Jornalista: O senhor tem uma idéia do número de acordos que poderiam ser assinados?

Presidente: Não tenho.

Jornalista: Mas serão alguns?



Presidente: Serão, mas eu quero discutir outras coisas importantes com o primeiro-ministro Singh como, por exemplo, a questão dos biocombustíveis. Depois, eu quero discutir com o Primeiro-Ministro a questão da indústria de fármacos, em que a Índia tem uma grande tecnologia, e nós queremos fazer parceria com o nosso Ministério da Saúde mas, sobretudo, nós pretendemos convidar os laboratórios da Índia a virem produzir genéricos no Brasil.

Jornalista: Teria alguma questão, Presidente, em que há, em vez de concordância, discordâncias ou divergências com a Índia, e que será tratada?

Presidente: Pode ter no assunto, por exemplo, dos biocombustíveis. O Brasil domina a tecnologia de fabricação do etanol há mais de 30 anos. Um país que nunca lidou com o etanol não é obrigado a aceitar, à primeira vista. Se pudesse, eu levaria um carro brasileiro, em que você coloca 100% de álcool, e o carro funciona perfeitamente bem. Acabou o álcool? Eu coloco 100% de gasolina e funciona perfeitamente. Coloco 50% de álcool e 50% de gasolina e funciona normalmente. Quero discutir, também, o biodiesel, que eu acho que é uma revolução na questão dos combustíveis no mundo.

Jornalista: Por que isso seria uma área de diferença para a Índia? O senhor acha que a Índia não acredita no senhor, nesses projetos?

Presidente: Eu não sei se será uma área de diferença, é que ele me perguntou se tinha divergências, e eu disse a ele que, como é uma área que está recém-discutida no cenário mundial, é normal que as pessoas tenham dúvidas. Eu quero mostrar que os conhecimentos tecnológicos brasileiros permitem que a gente afirme que o mundo está pronto para os biocombustíveis.

Jornalista: E sobre os seus planos – aparentemente saiu na imprensa – de



investir em infra-estrutura na Índia? Quanto o Brasil vai investir? O que vocês vão ensinar nessa área da infra-estrutura? O que vocês podem receber?

Presidente: Eu não sei quais os acordos que vão ser assinados. Possivelmente, quando o ministro das Relações Exteriores voltar, ele tenha os acordos. Eu estou convencido de que nós sairemos da Índia com bons acordos assinados e estamos dispostos a fazer parcerias para que a gente possa trabalhar conjuntamente a questão da infra-estrutura, a questão hidrelétrica, onde o Brasil também tem importante tecnologia. Eu acho importante vocês fazerem uma entrevista comigo na próxima semana, na terça-feira, aí eu já direi para vocês o que foi assinado.

Jornalista: Quantos dias o senhor vai ficar na Índia?

Presidente: Eu chego amanhã, domingo, e fico até terça-feira.

Jornalista: Essa é a sua segunda visita à Índia?

Presidente: É a segunda visita.

Jornalista: No que essa visita vai ser diferente da primeira?

Presidente: Não precisa ser diferente. A diferença é que na primeira visita que fiz eu não conhecia ninguém, e hoje eu conheço bem o Primeiro-Ministro.

Jornalista: A primeira visita foi em 2004?

Presidente: Sim. E agora eu já conheço o primeiro-ministro Singh, a relação política já está mais aprimorada, eu tenho confiança nele, eu acho que ele tem



confiança em mim, então fica muito mais fácil.

Jornalista: Há uma possibilidade de os dois países terem uma posição conjunta em termos de sugerir aos países para ficarem membros do Conselho de Segurança da ONU? Porque eu soube que há um problema por causa do Japão.

Presidente: O problema que nós temos é que, primeiro, os cinco membros permanentes não querem abrir mão, não querem perder seus privilégios. A China tem problemas com o Japão; a Itália tem problemas com a Alemanha, certamente terá país com problema com a Índia e, certamente, terá país com problema com o Brasil. Mas eu penso que a primeira discussão é o entendimento de que precisamos fazer a reforma. Resolvido isso, vamos para a segunda etapa, que é escolher os países. E o Brasil está se apresentando, a Índia está se apresentando, a Alemanha está se apresentando e o Japão está se apresentando, além do continente africano.

Jornalista: Mas o Brasil vai apoiar a Índia, Presidente?

Presidente: Certamente apoiará.

Jornalista: É uma base quíproco, em que eles também apóiam o Brasil?

Presidente: E a Índia apóia o Brasil.

Jornalista: O senhor estava falando antes sobre criar um eixo entre Brasil, África do Sul, Índia e China. Mais recentemente, o subsecretário-geral de Assuntos Políticos do Ministério das Relações Exteriores, do Itamaraty, falou que essa relação especial tinha que ser entre a Índia e o Brasil, porque a Índia,



comparada com a China, é uma verdadeira democracia – é o que o subsecretário disse – não concorre diretamente com a produção no Brasil. É isso que, na verdade, o senhor está pensando? O senhor vai conseguir tirar a China do quadro, da fotografia?

Presidente: Não, primeiro não é hoje. Não só não é possível tirar a China da fotografia, como ela estará presente em todas as fotografias e em todas as discussões que se fizerem no mundo. Afinal de contas, tem 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, crescimento de 9% ao ano e uma participação no comércio mundial extraordinária. Então, eu acho que a China não sai da fotografia. Agora, isso não impede que Índia e Brasil tenham a sua parceria estratégica. A África do Sul e o Brasil podem ter parceria estratégica também com a China e com outros países. Uma boa parceria com um país não anula a parceria com outro, até porque cada país tem suas particularidades, tem seus interesses econômicos, seus interesses políticos, seus interesses culturais. Então, nós tratamos a Índia com muita deferência, pelo papel histórico que ela tem no mundo, pelo peso político que ela tem, por sua população e pela possibilidade de crescimento da Índia.

Jornalista: Então, o senhor está querendo dizer que há um tratamento especial, está havendo, por exemplo, um acordo do Mercosul com a Índia? O que teria de especial na relação com a Índia?

Presidente: Por exemplo, um acordo – e nós trabalhamos isso já algum tempo – a possibilidade de um acordo da Índia com o Mercosul, é plenamente possível.

Jornalista: O senhor acha que o Brasil está um pouquinho perturbado pelo fato de que recentemente melhorou a classificação de risco do País, mas ainda não



é suficiente quando comparado, por exemplo, com a Índia, que a Índia já tem um grau de investimento e o Brasil ainda não?

Presidente: Eu não estou preocupado. Primeiro, eu tenho consciência da situação em que pegamos o Brasil, e tenho consciência do momento que vive o Brasil hoje. O que eu posso lhe dizer? É que o Brasil vive o seu melhor momento econômico, não pelas altas taxas de crescimento, mas porque nós fizemos uma combinação entre crescimento das exportações e crescimento do mercado interno. Fizemos superávit de conta corrente, fizemos distribuição de renda e controlamos a inflação.

Então, o que eu tenho de diferente, neste momento, no Brasil? É que eu, agora, não preciso dar mais nenhum antibiótico para o País. Agora é hora apenas de cuidar da saúde preventiva. Que vai vir investimento, vai vir para o Brasil e a economia brasileira vai, de forma consolidada, ter um crescimento de longo prazo para que possamos fazer a justiça social que tanto sonhamos para nós.

Jornalista: Quando o senhor fala sobre medidas preventivas, isso é para toda a América Latina, com a sua virada para a esquerda, com Kirchner, Tabaré, Chávez, etc?

Presidente: A América Latina vive um momento excepcional. O momento de hoje é infinitamente melhor do que a década de 90, com o neoliberalismo. Hoje nós temos presidentes comprometidos com seu povo, com a visão de fortalecer a soberania de cada país, e com a compreensão de que somente o fortalecimento da América do Sul e do Mercosul é que vai dar ao nosso Continente uma possibilidade competitiva e de desenvolvimento que não tivemos no passado.



Jornalista: O senhor vai convidar o primeiro-ministro Singh ao Brasil? Ele já esteve no Brasil?

Presidente: Já esteve no Brasil.

Jornalista: O ciclo político na América Latina já oscilou entre governos de direita, militares, ditadores militares e, agora, governos de esquerda. Nós passamos por um ciclo completo e agora voltamos de novo com a esquerda no governo. É um período de transição ou o senhor acha que vai virar direita novamente?

Presidente: Primeiro, eu acredito que nós estamos com a democracia consolidada na América Latina. Eu tiro como exemplo a minha eleição. Somente um país com democracia consolidada, com a força da economia brasileira elege um metalúrgico para ser Presidente. Da mesma forma que a Bolívia elegeu um índio para Presidente. Para mim, isso é a consagração da democracia. Se a nossa política vai continuar ou não, depende da nossa capacidade. Se nós fizermos as coisas que o povo espera que façamos, certamente gente como nós continuará governando nossos países, quando deixarmos o governo. Se errarmos e formos incompetentes, a direita pode voltar.

Jornalista: Presidente, com essa virada novamente para a esquerda, há um temor de que os americanos tentem desestabilizar esses governos, como já fizeram no passado?

Presidente: Não acredito.

Jornalista: Como seu amigo Allende.



Presidente: Não há espaço político para isso.

Jornalista: Como o seu amigo da Venezuela?

Presidente: Não há espaço para isso.

Jornalista: Como o senhor descreve, então, as suas relações com os Estados Unidos?

Presidente: O Brasil tem uma relação importante com os Estados Unidos, que é o nosso maior parceiro individual. Temos uma relação política, hoje, eu diria, muito boa, e uma relação de respeito mútuo.

Jornalista: Então seria um pouco diferente da que a Venezuela tem com os Estados Unidos?

Presidente: Muito diferente. A Venezuela tem um problema com os Estados Unidos, e que é um problema da Venezuela. Não é um problema do Brasil, não é um problema da Argentina, é um problema da Venezuela.

Jornalista: Com todos esses governos de esquerda, será que a América Latina vai se transformar num bloco separado, pelo fato desse surgimento da esquerda?

Presidente: Não, eu não diria que vai se transformar num bloco separado. O que nós estamos trabalhando é para fortalecer o Mercosul e, ao mesmo tempo, criar uma União Sul-Americana.



Jornalista: E as suas relações com Cuba, Presidente?

Presidente: São boas.

Jornalista: Os Estados Unidos não pressionam o senhor com relação a Cuba?

Presidente: Não.

Jornalista: Na última eleição, o seu partido perdeu algumas cadeiras no Congresso e voltou um pouco mais fraco neste segundo mandato do que no primeiro e o senhor, agora, está tendo que depender de partidos menores. Isso não torna difícil o senhor tentar implementar a sua agenda, por causa disso, tem dificuldade política?

Presidente: Veja, nenhuma dificuldade política. E o fato de você ganhar as eleições e ter que costurar acordos políticos para fazer uma coalizão é um exercício...

Jornalista: De quantos partidos o senhor depende?

Presidente: São muitos partidos no Brasil, o problema não é a quantidade de partidos. O problema é que nós temos que costurar uma coalizão política para ter maioria na Câmara dos Deputados. E até agora não tivemos nenhum problema.

Jornalista: Por que o seu partido não se saiu tão bem nessa última eleição? As reformas foram lentas? Qual foi a razão para que o partido não se saísse tão bem quanto antes?



Presidente: Eu acho que o partido se saiu bem. Num processo democrático é normal que os outros partidos também cresçam. Quem perdeu muito no Brasil foram os partidos mais conservadores, esses perderam muito. E os nossos candidatos saíram fortalecidos.

Jornalista: A mídia ocidental sugere que há uma frustração muito grande do povo brasileiro porque o texto da reforma que o senhor tinha prometido está indo num ritmo lento, e também há alegações de corrupção etc.

Presidente: Veja, a primeira coisa é que nós estamos fazendo exatamente o que prometemos: consertar o Brasil. E estamos fazendo o maior combate à corrupção jamais visto no Brasil. Todas as pessoas compreendem que a corrupção só aparece, quando ela existe, se ela for combatida. E nós não estamos dando trégua para a corrupção.

Jornalista: São três os pontos que eu queria enfatizar. O primeiro ponto é a reunião da Ásia com a Europa, dos ministros das Relações Exteriores da Ásia e da Europa – eles vão ter uma reunião agora em Hamburgo – onde a Índia exigiu tecnologia e transferência de conhecimento para o uso civil de energia nuclear. Qual é a visão do Brasil, porque a Índia não assinou o Tratado de Não-Proliferação? O Brasil está nesse grupo que fornece energia na área nuclear? O Brasil participa disso?

Presidente: Primeiro, o Brasil é o único país do mundo que tem, na sua Constituição, a não-proliferação de armas nucleares. Mas defendemos e colocamos em prática a utilização da tecnologia nuclear para fins pacíficos. Defendemos para o Brasil e defendemos para outros países, com base nos tratados internacionais.



Jornalista: O Brasil, então, apoiaria o acordo da Índia com os Estados Unidos de fazer transferência de tecnologia para projetos pacíficos na área nuclear?

Presidente: Nós apoiaremos qualquer país que cumpra os tratados internacionais na utilização da tecnologia nuclear.

Jornalista: O que o senhor falou? Que vai apoiar qualquer país que cumpra os acordos?

Presidente: Nós apoiamos toda experiência e toda transferência de tecnologia nuclear para fins pacíficos.

Jornalista: O senhor já tinha respondido sobre o Protocolo de Quioto. Eu apenas quero lhe pedir, se o senhor puder falar novamente, dessa próxima reunião que vai acontecer agora do G-8 mais cinco. A posição da Índia e da China era a seguinte: que são os países desenvolvidos que continuam a fazer mais emissões. Os países em desenvolvimento não podem se dar ao luxo de diminuir o crescimento econômico, o desenvolvimento econômico. Portanto, eles precisam de tecnologia para uma energia mais sustentável, mais limpa.

Presidente: Estou de acordo. Os países ricos são responsáveis por 65% de emissão de gases, portanto, eles têm que ter mais responsabilidade. E os países em desenvolvimento e os países pobres não podem pagar a conta.

Jornalista: Então, o Presidente vai apoiar o esforço da chanceler Merkel, agora no G-8, para ir adiante com o Protocolo de Quioto, sem esperar pela reunião paralela do Bush?



Presidente: O Protocolo de Quioto já é um compromisso multilateral, que envolve muitos países. Se o presidente Bush quer criar uma reunião paralela, essa reunião não pode anular os compromissos de Quioto, até porque...

Jornalista: Porque a América não assinou Quioto...

Presidente: Não assinou. Até porque se um país não quer cumprir um acordo emanado de um órgão multilateral, decidido pelos organismos multilaterais, não vai ser numa reunião paralela que vamos resolver isso.

Jornalista: Agradeço e desejo tudo de bom.

Presidente: Obrigado.